



CAROL J. ADAMS

A POLÍTICA
SEXUAL
DA CARNE

Uma teoria
feminista-vegetariana

EDITORA
ALAÚDE

CAROL J. ADAMS

A POLÍTICA SEXUAL DA CARNE

Uma teoria feminista-vegetariana

TRADUÇÃO DE
CRISTINA CUPERTINO

TRADUÇÃO DO POSFÁCIO
VERA CAPUTO

EDITORA
ALAÚDE

Copyright © 1990, 2000, 2010, 2015 Carol J. Adams
Copyright desta edição © 2018 Alaúde Editorial Ltda.

Esta tradução é publicada mediante acordo com a Continuum International Publishing Group Inc., parte da Bloomsbury Publishing Plc.

Título original: *The Sexual Politics of Meat: A Feminist-Vegetarian Critical Theory*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico —, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

PREPARAÇÃO:

Agnaldo Hollanda

REVISÃO:

Hugo Maciel de Carvalho, Márcia Moura e Raquel Nakasone

REVISÃO DO POSFÁCIO AO 25º ANIVERSÁRIO:

Martha Lopes

CAPA:

Amanda Cestaro

1ª edição, 2012

2ª edição, 2018 (2 reimpressões)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adams, Carol J.

A política sexual da carne : uma teoria feminista-vegetariana / Carol J. Adams ; tradução de Cristina Cupertino. -- 2. ed. -- São Paulo : Alaúde Editorial, 2018.

Título original: *The sexual politics of meat : a feminist-vegetarian critical theory.*
ISBN 978-85-7881-510-3

1. Animais - Proteção 2. Direitos dos animais 3. Patriarcado 4. Teoria feminista 5. Vegetarianismo I. Título.

18-13013

CDD-179.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Animais : Proteção : Ética vegetarianismo 179.3

2020

Alaúde Editorial Ltda.
Avenida Paulista, 1337
conjunto 11, Bela Vista
São Paulo, SP, 01311-200
Tel.: (11) 3146-9700
www.alaude.com.br

Compartilhe a sua opinião
sobre este livro usando a hashtag
#APolíticaSexualDaCarne
nas nossas redes sociais:



/EditoraAlaude



/EditoraAlaude



/AlaudeEditora

“Não é possível agora — e nunca será — dizer ‘eu renuncio’. Nem seria uma boa coisa para a literatura, se fosse possível. Essa geração precisa fazer um grande esforço para que a próxima possa ter um avanço suave. Pois eu concordo com você em que nada será alcançado por nós. Fragmentos — parágrafos —, uma página talvez: mas nada mais. [...] A alma humana, parece-me, se reorienta de vez em quando. Agora ela está fazendo isso. Portanto, ninguém pode ver integralmente. O melhor de nós tem um vislumbre de um nariz, um ombro, algo que se desvia, sempre em movimento. Ainda assim me parece melhor entender esse vislumbre.”

Virginia Woolf para Gerald Brenan, Natal de 1922

“Aprendemos a ter raiva, como também aprendemos a consumir a carne morta de animais; e assim, machucados, espancados e mudando, sobrevivemos e crescemos — nas palavras de Angela Wilson, estamos efetivamente avançando.”

Audre Lorde

“Diga, Stella, quando copiar da próxima vez, Você vai se ater rigorosamente ao texto?”

Jonathan Swift

Sumário

Prefácio à edição do vigésimo aniversário.....	11
Prefácio à edição do décimo aniversário.....	19
Prefácio à primeira edição	35
Apresentação de Nellie McKay.....	43
Agradecimentos.....	49

Parte I: Os textos patriarcais da carne

Capítulo 1 — A política sexual da carne.....	57
Capítulo 2 — Estupro de animais, retalhamento de mulheres	77
Capítulo 3 — Violência mascarada, vozes silenciadas.....	107
Capítulo 4 — A palavra se fez carne	133

Parte II: Da barriga de Zeus

Capítulo 5 — Textos desmembrados, animais desmembrados.....	151
Capítulo 6 — O monstro vegetariano de Frankenstein.....	165
Capítulo 7 — O feminismo, a Grande Guerra e o vegetarianismo moderno	181

Parte III: Coma arroz, tenha fé nas mulheres

Capítulo 8 — A distorção do corpo vegetariano	213
Capítulo 9 — Por uma teoria crítica feminista-vegetariana.....	241

Epílogo	269
Posfácio à edição do 25º aniversário	279
Notas	307
Bibliografia selecionada	349
Bibliografia do 25º aniversário	367
Agradecimentos por cessão de direitos autorais	373
Índice remissivo	375

Prefácio

à edição do vigésimo aniversário

Imagine o dia em que as mulheres possam caminhar pelas ruas sem ser importunadas, abordadas ou atacadas. Imagine o dia em que nós não precisaremos de abrigos para mulheres vítimas de violência. Imagine o dia em que os mais frequentes assassinos em série da nossa cultura NÃO serão os que matam sua família.

Melhor ainda: imagine o dia em que viveremos num mundo em que as mulheres, onde quer que estejam, estarão seguras, os membros da família estarão seguros dentro de sua casa e nós não teremos assassinos em série.

Imagine o dia em que as pessoas responderão a alguém que reclama “Mas eu quero a minha salsicha de manhã” dizendo “Ah, isso é tão século xx! Sabe, o século em que as primeiras pessoas a falar em mudanças climáticas foram os ativistas pelos direitos dos animais, pessoas que percebiam as ligações entre destruição ambiental e agricultura animal”.

E, ainda melhor: imagine o dia em que ninguém mais sentirá necessidade de comer uma “salsicha” de manhã.

Imagine o dia em que mulheres e crianças não serão vendidas como escravas sexuais, ou prostituídas, ou usadas para o comércio de pornografia.

Melhor ainda: imagine o dia em que a igualdade, e não o domínio, será *sexy*. A igualdade não é uma ideia; é uma prática. Nós a exercemos quando não tratamos como objetos outras pessoas ou outros animais. Quando perguntamos “O que há com você?” e sabemos que fazemos a pergunta por ser importante para todos nós o que alguém está vivenciando.

Já houve uma época em que as pessoas achavam que a comida vegana não era saborosa e as feministas eram puritanas. Acreditava-se que ao aceitar a lógica de *A política sexual da carne* seria preciso desistir das coisas, se “sacrificar”. O ponto essencial da política sexual da carne é que existe algo no outro lado dessa cultura de opressão — e esse algo é melhor, melhor para nós, melhor para o meio ambiente, melhor para as relações, melhor para os animais.

Como explico no prefácio da edição do décimo aniversário, *A política sexual da carne* existe em razão do ativismo. É teoria engajada, teoria que surge da raiva do que existe; teoria que divisa o que é possível. *A teoria engajada torna possível a mudança*. Não se senta ao lado de alguém à mesa do jantar, simplesmente, e pergunta: “Você sabe do que está participando quando escolhe o que vai comer?” Ela também diz: “Existe algo mais emocionante, que nos satisfaz mais e é mais honesto do que comer um animal morto, por exemplo hambúrguer ou lombo de porco”. Essa teoria não oferece só uma crítica — uma crítica às propagandas sexistas, em nome do ativismo animal ou de um clube vegano de *strip-tease*; ou crítica à publicidade sexista do Burger King ou a um clube de carnes “para cavaleiros”. Ela afirma: “Existe uma vida de integridade que você pode viver quando reconhece a igualdade das mulheres”. A teoria engajada expõe problemas, mas também oferece soluções.

A teoria engajada confere poder de decisão à resistência. Estamos criando uma nova cultura — uma cultura não de pensamento de cima para baixo ou de ações de cima para baixo. Não precisamos de “tomadores de decisões” que abrem mão dos princípios; precisamos de “engajadores” que compreendem que tudo é interligado.

A política sexual da carne trata do estabelecimento de conexões. Trata de nos tornar livres de crenças nocivas e limitadoras.

Nos últimos vinte anos, *A política sexual da carne* mudou a vida dos leitores porque, por meio deste livro, eles apreenderam a possibilidade do mundo que está do outro lado da opressão — e passaram a compreender a importância do ativismo na criação desse mundo.

Para algumas pessoas, *A política sexual da carne* deu um novo significado ao ativismo que há tanto tempo exerciam em favor das mulheres, dos animais, do meio ambiente. Para outras, ele introduziu uma nova ideia,

que as fez perceber a razão pela qual o mundo em que vivem tem sido tão alienante. O livro tornou-lhes inteligível a vida.

Gostei de todos os modos com que as pessoas reagiram às ideias contidas em *A política sexual da carne*. Gosto de todas as revistas que se inspiraram no livro, das mais diversas vertentes — anarquista, feminina-vegetariana radical, lobisomem vegetariano adolescente (essa eu inventei). Gosto de todas as cartas que dizem: “Meu primo me emprestou o seu livro. Quando terminei de ler, minha mãe o leu; e agora quem o está lendo é a minha irmã”. Gosto do fato de *A política sexual da carne* ter sido lido nas prisões por pessoas que esperavam a acusação depois de terem sido presas por denunciarem a violência cometida contra os animais. Gostei de saber que um grupo de mulheres tatuou frases de *A política sexual da carne* em várias partes do corpo. Gosto de saber que os leitores encontraram no livro o que lhes é necessário, e que inspirados nele estão cultivando novas relações. Gostei de ouvir uma mulher me dizer que havia se apaixonado por um homem, mas antes do casamento incentivou-o a ler o livro; ele leu, apreendeu o significado do conteúdo, voou para o outro lado dos Estados Unidos e, na festa do casamento, apresentou o mais luxuoso bolo de chocolate vegano. (Eles me passaram a receita.)

Gosto de ouvir jovens — às vezes anos depois de terem sido apresentados às ideias de *A política sexual da carne* — afirmarem ter visto ou ouvido algo que confirma a análise deste livro. Eles escrevem para me contar isso.

Pais compraram o livro para os filhos, filhos o compraram para os pais, avós o dão aos netos, namorados se presenteiam com ele, alunos levam-no para o professor.

Conheço este livro apenas de dentro para fora. Conheço-o desde os anos em que a tentativa de tornar inteligível um vislumbre intuitivo de uma conexão exigiu de mim que o escrevesse. Inicialmente, eu não sabia que ele mudaria a minha vida a tal ponto que depois da sua publicação as pessoas me mandariam imagens, comerciais, capas de cardápios, caixas de fósforos e artigos de jornal. Não sabia que eu ficaria numa eterna busca para tornar inteligíveis essas imagens, criando uma projeção de *slides* para explicar as ideias da política sexual da carne; que eu acabaria viajando pelo país e pelo mundo para discutir essas ideias e mostrar essas imagens. Eu sabia apenas que não poderia ficar em paz comigo mesma se não

encontrasse um modo de tornar inteligível o que havia intuído. A ideia não saía da minha cabeça enquanto eu a explicava. Por causa das imagens que recebera dos meus leitores e precisava interpretar, fui levada a escrever *The Pornography of Meat* [A pornografia da carne] — um parceiro para *A política sexual da carne*, composto basicamente de imagens.

Quando as pessoas me escrevem para dizer como o livro mudou sua vida, tenho uma percepção do livro de fora para dentro, de como *A política sexual da carne* afirmou que as decisões de vida de uma pessoa são importantes e que aquilo que a nossa cultura considerava assuntos distintos (feminismo e vegetarianismo) eram, na verdade, coisas profundamente interligadas.

Sei que *A política sexual da carne* deu novas razões para a preocupação com os animais. Forneceu uma teoria para uma vida ativista comprometida com a mudança, preocupada em contestar a objetualização, em contestar uma cultura alicerçada na matança e na violência.

Quanto aos estudiosos que me escreveram, parece que *A política sexual da carne* foi um dos livros que apresentou um modelo para colocar os animais no centro dos seus estudos.

É difícil saber precisamente — dado o hiato que sempre existe entre escritor e leitor —, mas acho que é possível apontar algumas das razões pelas quais o *New York Times* chamou *A política sexual da carne* de “uma bíblia da comunidade vegana”.

A política sexual da carne diz algo às pessoas porque elas também imaginam um dia em que a igualdade prevalecerá.

Em 1974, não fui a única a imaginar um futuro que nos libertaria de crenças limitadas e opressivas. Eu fazia parte de uma comunidade. Durante muitos anos havíamos protestado contra uma guerra (você já ouviu falar nisso?) e estávamos criando instituições alternativas. Imaginamos um mundo diferente daquele em que vivíamos. Algumas coisas pelas quais lutamos passaram a existir. Graças ao trabalho de feministas radicais na década de 1970, o assédio sexual foi reconhecido pela lei, os abrigos para vítimas de violência doméstica foram criados e financiados, aprovaram-se leis de proteção às vítimas de estupro.

O que é “a política sexual da carne”? É uma atitude e uma ação que animaliza mulheres e sexualiza e efemina os animais. Em 2008, tivemos conhecimento de que o juiz presidente da Corte de Apelação da nona

circunscrição judiciária dos Estados Unidos postou em um *site* da internet matérias que incluíam a foto de mulheres nuas, de quatro, pintadas de modo a parecerem vacas, e o vídeo de um homem parcialmente vestido, interagindo com um animal excitado.¹ A mulher, animalizada; o animal, sexualizado. Isso é política sexual da carne.

A *política sexual da carne* é também a presunção de que os homens *precisam de carne* e têm direito a ela, como também que o consumo de carne é uma atividade masculina associada à virilidade. Exemplos recentes disso incluem os anúncios publicitários do Burger King contra as “comidas de pintinho” (*quiche* de aspargo), em que os homens proclamam o direito de comer carne e lançar um caminhão de um elevador para afirmar sua masculinidade. Outro exemplo é certa cerimônia em um acampamento de soldados americanos, encerrada com um jantar à base de bife oferecido aos novos recrutas pelos seus “pais”, ou seja, os recrutas mais velhos.² Isso também é política sexual da carne.

Eu gostaria que a nossa cultura não oferecesse profusos exemplos de *A política sexual da carne*. Desde a publicação da edição do décimo aniversário, a administração Bush e o reinado dos republicanos contribuíram com incontáveis exemplos durante a maior parte da primeira década do século XXI. Os restaurantes especializados em carne voltaram a ser populares em Washington depois que a Suprema Corte empossou Bush como presidente. A imagem cultivada de Bush como “fazendeiro/cowboy” fazia parte da construção de uma imagem de macho “que decide”.

Em Abu Ghraib, a terrível prisão iraquiana, os soldados norte-americanos reduziram os iraquianos à condição de animais e exploraram os papéis masculino-feminino para insultar os homens iraquianos e minar-lhes a resistência. Com esse exemplo, a administração Bush inseriu a política sexual da carne num novo nível.

Como mostra Susan Faludi em *The Terror Dream* [O sonho do terror], depois do 11 de Setembro a mídia fomentou a masculinidade do tipo John Wayne, os poderes à la Super-Homem e a hipervirilidade dos que prestaram socorro e dos políticos. Assim, ficamos sabendo que, depois que as torres do World Trade Center caíram, a primeira refeição que o prefeito Giuliani devorou foi um sanduíche feito com “carnes suculentas”.³ Onde existe uma virilidade (ansiosa) se encontrará o consumo de carne.

Uma propaganda do utilitário esportivo Hummer de 2006 apresenta um homem comprando tofu num supermercado. Ao lado dele outro homem compra uma grande quantidade de “carne suculenta”. O homem que compra tofu, preocupado com a sua virilidade por causa do outro homem com toda aquela carne ao seu lado na fila, sai correndo do supermercado e vai direto até um revendedor Hummer. Compra um Hummer novinho e é visto dirigindo feliz, mascando ruidosamente uma cenoura. O mote original do anúncio era “Restaure a sua masculinidade”.⁴ Política sexual da carne.

Se as políticas de Bush e a promoção de políticos como Giuliani pela mídia criaram uma nova insistência em expor a política sexual da carne, nós, ativistas feministas-veganos, recebemos ajuda de uma fonte inesperada: o grande filósofo francês Jacques Derrida. Ao mesmo tempo que a primeira edição de *A política sexual da carne* ia para o prelo, “Il faut bien manger” [É preciso comer bem], a entrevista de Derrida, era publicada em inglês. Nesse texto ele apresentou a ideia de “carnofalocentrismo”.

Pedi a Matthew Calarco, especialista em filosofia continental e teoria animal, que me ajudasse a refletir sobre os pontos de interseção entre as ideias de Derrida e *A política sexual da carne*. Ele escreveu:

Do meu ponto de vista, a relação mais óbvia entre o seu trabalho e o de Derrida diz respeito ao modo como ser carnívoro é compreendido por vocês dois como essencial à condição de sujeito. Vocês dois chamam atenção explícita para o carnivorismo que reside no centro das ideias clássicas de subjetividade, especialmente na da subjetividade masculina. No entanto, você expõe esse ponto extensamente, ao passo que Derrida trata dele apenas de modo esquemático e incompleto.

O termo “carnofalocentrismo”, de Derrida, é uma tentativa de nominar as práticas sociais, linguísticas e materiais primárias que estão se tornando e devem permanecer um tema genuíno no Ocidente. Derrida mostra que, para ser reconhecida como sujeito pleno, a pessoa precisa ser carnívora, do sexo masculino e ter um ego autoritário, que fala. Obviamente há outras exigências para ela ser reconhecida como sujeito pleno, mas ele fala nessas três exigências em sucessão e em forte relação uma com a outra, pelo fato de elas serem talvez as três condições primárias do reconhecimento.

O que *A política sexual da carne* teve de tão convincente foi exatamente essa mesma percepção essencial. As páginas iniciais sobre virilidade e o consumo de carne tornaram muito eloquente a ideia de que o consumo de carne não é um fenômeno simples, natural, e na nossa cultura está irredutivelmente ligado à masculinidade em vários aspectos materiais, ideológicos e simbólicos. Durante as décadas de 1980 e 1990, a obra de Derrida sobre a questão dos animais tenta tratar dessa correlação entre masculinidade e carnivorismo, mas você estava escrevendo extensamente sobre isso e desenvolvendo com muito mais detalhe as implicações dessa conexão.

Com Derrida (e a ajuda de Calarco), fica clara a razão de as organizações que defendem os direitos dos animais terem optado por usar propagandas pornográficas para atingir os consumidores de carne: elas estão falando para o *sujeito macho* e supõem que de modo geral ele não pode mudar. Nós, que nos opomos à política sexual da carne, imaginamos uma coisa melhor. Imaginamos que o sujeito macho pode efetivamente mudar.

Nós imaginamos o final da transformação dos seres humanos em *objetos*. Imaginamos o final do consumo predatório. Imaginamos a igualdade.

Eis o que sabemos: as ideias e crenças têm consequências. Criam sujeitos que agem de determinados modos — pelo domínio ou pela igualdade — e essas ações têm consequências. Ao cunhar a frase “o pessoal é o político”, as ativistas feministas da década de 1970 reconheceram que nossa cultura tinha causas e consequências desconectadas. A dominação funciona melhor numa cultura de desconexões e fragmentação. O feminismo reconhece conexões.

Imagine uma época em que a nossa cultura deixará de fornecer a prova de que eu tenho razão quanto à política sexual da carne. Os ativistas não somente imaginam esse mundo. Eles trabalham para que o mundo imaginado por nós exista. Junte-se a nós.

Capítulo 1

A política sexual da carne

“Mito dos boxímanes:

Nos tempos primitivos, os homens e as mulheres viviam separados, os primeiros caçando animais exclusivamente, as últimas vivendo da coleta. Cinco homens que estavam caçando, por serem criaturas negligentes, deixaram a fogueira apagar. As mulheres, que eram cuidadosas e ordeiras, sempre mantinham acesa sua fogueira. Os homens, tendo matado uma gazela, ficaram desesperados para cozinhá-la, e assim um deles saiu para buscar fogo, atravessou o rio e encontrou uma das mulheres coletando sementes. Quando lhe pediu fogo, ela o convidou para o acampamento feminino. Chegando lá, disse a ele: “Você está faminto. Vou socar estas sementes e cozinhá-las, então lhe dou um pouco”. Ela fez para ele um mingau. Depois de comer, ele disse: “Bem, a comida é gostosa, por isso eu vou ficar com você”. Os homens que ficaram à espera se puseram a imaginar o que teria acontecido. Continuavam com a gazela e continuavam sem fogueira. O segundo homem saiu e foi tentado pela cozinha feminina, e também ele passou a morar no acampamento das mulheres. A mesma coisa aconteceu com o terceiro homem. Os dois que sobraram ficaram muito amedrontados. Desconfiaram que algo terrível tinha acontecido com os companheiros. Então lançaram os ossos divinatórios, mas os augúrios foram auspiciosos. O quarto homem saiu timidamente e acabou

por se juntar aos companheiros. O último homem ficou apavorado, e, além do mais, a gazela já havia apodrecido. Assim, ele pegou o arco e as flechas e fugiu correndo.”

Saí da Biblioteca Pública, interrompendo minha pesquisa sobre algumas mulheres da década de 1890 — cujo jornal feminista, operário, defendia dietas sem carne —, e fui para a fila da lanchonete de um restaurante próximo. Segurando meu almoço vegetariano, desci para o porão. Uma pintura de Henrique VIII comendo uma torta de carne e rim cumprimentou meu olhar. Dos dois lados de Henrique havia retratos das suas seis esposas e de outras mulheres. Contudo, elas não estavam comendo o mesmo que ele, nem qualquer outra coisa feita de carne. Catarina de Aragão tinha nas mãos uma maçã. A condessa de Mar tinha um nabo; Ana Bolena, uvas vermelhas; Ana de Cleaves, uma pera; Jane Seymour, mirtilos; Catherine Howard, uma cenoura; Catherine Parr, um repolho.

As pessoas que têm poder sempre comem carne. A aristocracia europeia devorava pratos enormes com grande quantidade de todos os tipos de carne, enquanto o trabalhador comia carboidratos. Os hábitos dietéticos proclamam as distinções de classe, mas proclamam também as distinções patriarcais. As mulheres, cidadãs de segunda classe, mais provavelmente comem o que numa cultura patriarcal se considera alimento de segunda classe: legumes, verduras, frutas e grãos, em vez de carne. O sexismo no consumo da carne recapitula as distinções de classe com o acréscimo de uma peculiaridade: permeia todas as classes a mitologia de que a carne é um alimento masculino e seu consumo uma atividade masculina.

Identificação masculina e consumo de carne

As sociedades que consomem carne adquirem identificação masculina pela sua escolha de alimentos, e os compêndios sobre carne apoiam vigorosamente essa associação. *The Meat We Eat* [A carne que comemos] proclama que a carne é “Uma comida viril e protetora”, portanto “um farto suprimento de carne sempre esteve ligado a um povo viril e feliz”.¹ *Meat*

Technology [Tecnologia da carne] nos informa que “a viril raça australiana é um exemplo típico de vorazes comedores de carne”.² Comilões famosos referem-se “ao ordálio viril de tirar o cérebro do crânio de um bezerro assado inteiro”.³ O dicionário define “viril” como relativo ao homem adulto ou que tem as suas características; palavra derivada de “*vir*”, que significa “homem”. O consumo de carne é um indicador da virilidade da sociedade.

A carne é constante para os homens e intermitente para as mulheres, padrão esse dolorosamente observado nas situações de fome dos nossos tempos. Os índices de mulheres passando fome são desproporcionais aos dos homens. Lisa Leghorn e Mary Roodkowsky pesquisaram esse fenômeno em seu livro *Who Really Starves? Women and World Hunger* [Quem realmente passa fome? As mulheres e a fome no mundo]. As mulheres, concluem elas, empenham-se numa autoprivação deliberada, oferecendo aos homens as “melhores” comidas em detrimento das suas próprias necessidades nutricionais. Por exemplo, elas nos dizem que “as mulheres e as meninas etíopes de todas as classes são obrigadas a preparar duas refeições, uma para os homens e uma segunda, frequentemente sem carne ou outra proteína substancial, para as mulheres”.⁴

Na verdade, a necessidade proteica dos homens é menor do que a das mulheres grávidas e que amamentam, e a distribuição desproporcional da principal fonte de proteínas ocorre mesmo quando a necessidade de proteína da mulher é maior. Curiosamente, agora nos dizem que a pessoa precisa comer carne (ou peixe, verduras, legumes, chocolate e sal) pelo menos seis semanas antes de engravidar, caso deseje um menino. Mas quando se quer ter uma menina, por favor: nada de carne; no lugar dela, leite, queijo, nozes, feijão e cereais.⁵

Os contos de fadas nos iniciam muito cedo na dinâmica do alimento e dos papéis sexuais. O rei no seu escritório de contabilidade comia uma torta feita com 24 melros (originalmente 24 meninos maus), enquanto a rainha comia pão com mel. Nos contos de fadas, o canibalismo geralmente é uma atividade masculina, como João logo ficou sabendo, depois de escalar o seu pé de feijão. Os contos populares de todos os países apresentam os gigantes como homens e “loucos por carne humana”.⁶ As feiticeiras — corcundas ou monstruosas, na visão do mundo patriarcal — tornam-se as mulheres canibais simbólicas.

Um exemplo bíblico da prerrogativa masculina quanto à carne irritou Elizabeth Cady Stanton, importante feminista do século XIX, como se pode ver no seu comentário lapidar sobre o Levítico 6 em *The Woman's Bible* [A Bíblia das mulheres]: “Da carne que os sacerdotes cozinhavam tão delicadamente com lenha e carvão no altar, e era servida sobre toalha limpa, nenhuma mulher tinha permissão para provar, apenas os homens entre os filhos de Arão”.⁷

A maioria dos tabus relativos à comida trata do consumo de carne e estabelece mais restrições para as mulheres do que para os homens. As comidas comumente proibidas para as mulheres são frango, pato e porco. Essa proibição nas culturas não tecnológicas aumenta o prestígio da carne. Mesmo se as mulheres criam porcos, como acontece nas ilhas Salomão, raramente lhes é permitido comê-los. Quando elas ganham algum, é por uma concessão do marido. Na Indonésia

comida à base de carne é considerada propriedade dos homens. Nas festas religiosas, principal época em que se dispõe de carne, ela é distribuída para as famílias de acordo com a quantidade de homens nelas existente. [...] Assim, o sistema de distribuição reforça o prestígio dos homens na sociedade.⁸

No mundo inteiro se constata esse costume patriarcal. Na Ásia algumas culturas proíbem as mulheres de consumir peixe, frutos do mar, frango e ovos. Na África equatorial a proibição de frango para as mulheres é comum. Por exemplo, as mulheres da tribo Mbum Kpau não comem frango, cabra, perdiz e outros animais de caça. Os Kufa, da Etiópia, puniam com a escravidão as mulheres que comiam frango, ao passo que os Walamo “executavam quem quer que violasse a restrição de comer aves”.

Em contrapartida, as verduras, os legumes e outros alimentos que não a carne são considerados comida de mulher, e por isso os homens os repudiam. Os homens da tribo Nuer acham que comer ovos leva à efeminação. Em outros grupos, os homens exigem molhos para disfarçar o fato de estarem comendo alimentos femininos. “Os homens esperam ter molhos de carne junto com seu mingau e às vezes se recusam a comer molhos feitos de verduras e legumes, considerados comida de mulher.”⁹

Carne: só para os homens

“Em nenhum lugar de um supermercado um bom funcionário pode ser tão benéfico ou um mau funcionário pode ser tão danoso quanto na seção de carne. Isso porque a maioria das mulheres não se considera capaz de avaliar a qualidade da carne e frequentemente compra onde confia no atendente.”

Hinman e Harris, *The Story of Meat* [A história da carne]¹⁰

Nas sociedades tecnológicas, os livros de culinária refletem a suposição de que os homens comem carne. Um levantamento aleatório dessa literatura revela que as seções de churrasco da maioria dos livros dirigem-se aos homens e dão destaque para a carne. As comidas recomendadas para um “Chá do Dia das Mães” não incluem carne, mas os leitores são advertidos de que o London Broil* deve constar no jantar do Dia dos Pais porque “infalivelmente um jantar com carne bovina tem aceitação entre os pais”.¹¹ Num capítulo sobre “Hospitalidade feminina”, a orientação é servir legumes, saladas e sopas. O *New McCall's Cookbook* [Novo livro de culinária da McCall] afirma que o jantar predileto dos homens é com London Broil. Um “jantar para senhoras” deve ser com pratos que levem queijo e legumes, mas sem carne. Em outro livro, uma seção de cozinha intitulada “Só para os homens” reforça a onipresença da carne na vida dos homens. O que é “só para eles”? London Broil, carne em cubos e bifes.¹²

Os livros de culinária do século xx apenas confirmam o padrão histórico constatado no século xix, quando as famílias da classe operária inglesa não podiam comprar carne em quantidade suficiente para todos. “Só para os homens” aparece sempre nos cardápios dessas famílias, referindo-se à carne. Fiel às mitologias de uma cultura (os homens precisam de carne, a carne dá força taurina), o homem “que ganha o pão” recebia efetivamente a carne. Os historiadores sociais relatam que ia para o marido a “parte do leão” da carne.

* Prato americano que consiste em carne marinada assada no forno ou na brasa. (N. da E.)

E o que era para as mulheres no século XIX? Aos domingos elas podiam ter um jantar modesto, mas satisfatório. Nos outros dias sua comida era pão com manteiga ou gordura derretida, chá fraco, pudim, legumes e verduras. “Nas famílias muito pobres, a esposa é provavelmente a pessoa mais mal alimentada de todo o grupo”, observou o doutor Edward Smith no primeiro levantamento nacional de alimentação, que, em 1863, investigou os hábitos alimentares ingleses. O levantamento revelou que numa família a principal diferença entre a dieta masculina e a feminina é a quantidade de carne consumida.¹³ Um estudo posterior constatou que as mulheres e as crianças de um condado rural inglês “comem as batatas e ficam olhando para a carne”.¹⁴

Quando a pobreza forçava uma distribuição conscienciosa da carne, quem a recebia eram os homens. Muitas mulheres enfatizavam que tinham guardado a carne para o marido. Explicavam assim as conexões entre consumo de carne e papel masculino: “Guardo-a para ele; ele *tem* de comer carne”. Amostras do levantamento dos cardápios em famílias de trabalhadores da zona sul de Londres “mostravam carne extra, peixe extra, bolos extras ou uma qualidade diferenciada de carne para o homem”. As mulheres comiam carne uma vez por semana com os filhos, enquanto o marido consumia carne e *bacon* “quase diariamente”.

No início do século XX, o grupo de Londres da Sociedade Fabiana iniciou um estudo de quatro anos registrando o orçamento diário de trinta famílias de uma comunidade operária. Os orçamentos foram coletados e explicados compassivamente num livro, *Round about a Pound a Week* [Mais ou menos uma libra por semana]. Nesse estudo percebe-se claramente a política sexual da carne:

Na família que gasta 10 *shillings* com comida, ou até menos, só é possível um tipo de dieta, e é a dieta masculina. As crianças recebem o que sobra. É preciso haver uma boa quantidade de carne ou pelo menos um prato com carne, para satisfazer o desejo do pai pelo tipo de comida que mais lhe agrada e que ele obviamente pretende comer.

Ou, de modo mais sucinto: “A carne é comprada para o homem” e o que sobra do almoço do domingo “ele come frio no dia seguinte”.¹⁵ A pobreza também determina quem corta a carne. Como descobriu Cicely

Hamilton durante esse mesmo período, as mulheres cortam quando sabem que não há carne suficiente para todos.¹⁶

Em situações de abundância, as presunções sobre os papéis sexuais com relação à carne não são tão claras. Por essa razão as semelhanças entre as dietas das mulheres e dos homens ingleses da classe alta são muito maiores do que as verificadas entre as mulheres da classe alta e as da classe operária. Além disso, com a abundância de carne disponível nos Estados Unidos, diferentemente da quantidade restrita disponível na Inglaterra, tem havido carne suficiente para todos, exceto quando os suprimentos eram controlados. Por exemplo, os homens negros escravizados frequentemente recebiam 250 gramas de carne por dia, ao passo que suas pares negras frequentemente recebiam pouco mais de 125 gramas por dia.¹⁷ Além disso, durante as guerras do século xx, o padrão de consumo de carne lembrou o das famílias trabalhadoras inglesas no século xix, com uma única diferença: o soldado — o “trabalhador” da família do país — recebia carne; quanto aos civis, instava-se com eles para que aprendessem a preparar seus pratos sem carne.

A política racial da carne

O avultado consumo de carne que caracteriza a dieta dos americanos e do mundo ocidental não é apenas um símbolo do poder masculino; é um indicador de racismo. Não me refiro ao racismo no sentido de que estamos tratando uma classe de animais — os que não são seres humanos — diferentemente de como tratamos outra — os que são. Isaac Bashevis Singer dá nome a esse comportamento neste trecho de *Inimigos, uma história de amor*:

Sempre que Herman assistia à matança de animais e peixes, ele tinha o mesmo pensamento: em seu comportamento com os animais, todos os homens eram nazistas. A presunção que o homem podia fazer com as outras espécies o que bem entendesse ilustrava as teorias racistas mais radicais, o princípio de que o poder está certo.¹⁸

Refiro-me ao racismo como a exigência de que prevaleçam os arranjos e costumes do poder que favorecem os brancos e de que a aculturação dos outros grupos raciais a esse padrão inclua impor os hábitos de consumo de carne adotados pelos brancos.

Duas crenças paralelas podem ser localizadas no estatuto do racismo do mundo ocidental branco quando a questão é o consumo de carne. A primeira é de que, se o suprimento de carne é limitado, os brancos devem ficar com ele; mas, se há abundância, todos devem comê-la. Essa é uma variação do tema-padrão da política sexual da carne. A hierarquia da proteína da carne reforça uma hierarquia de raça, classe e sexo.

No século XIX os defensores da superioridade branca apoiavam a carne como um alimento superior. Os “trabalhadores do cérebro” precisavam de carne magra como principal componente de sua refeição, mas as classes “selvagens” e “inferiores” da sociedade podiam viver exclusivamente de alimentos mais ordinários — isso de acordo com George Beard, um médico do século XIX especializado em doenças de pessoas da classe média. Aos homens brancos e civilizados da classe média que se tornavam suscetíveis à exaustão nervosa, ele recomendou que comessem mais carne. Para ele, bem como para muitos outros, os cereais e as frutas estão abaixo da carne na escala de evolução, e por isso são os alimentos adequados às outras raças e às mulheres brancas, que também pareciam estar mais abaixo na escala evolutiva. O racismo e o sexismo, juntos, defenderam a carne como o alimento do homem branco.

Influenciado pela teoria evolucionista de Darwin, Beard propôs um corolário para os alimentos; a proteína animal fez em relação à comida vegetal o que a nossa evolução a partir de animais inferiores fez para os seres humanos. Consequentemente:

À medida que a civilização ou a doença torna sensível um homem, ele deve diminuir a quantidade de cereais e frutas, que estão muito abaixo dele na escala evolutiva, e aumentar a quantidade de alimento animal, muito próximo dele na escala evolutiva, e portanto mais facilmente assimilável.¹⁹

Em sua análise racista, Beard conciliou a aparente contradição de sua doutrina: “Por que os selvagens e os semisselvagens são capazes de viver

com formas de alimento que, de acordo com a teoria da evolução, devem estar muito abaixo deles na escala de desenvolvimento?” Por outras palavras, como é que essas pessoas podem sobreviver muito bem sem uma grande quantidade de proteína animal? Porque os “selvagens” estariam

pouco afastados do tronco animal comum do qual derivam. Eles estão muito mais próximos das formas de vida das quais se alimentam do que os trabalhadores intelectuais altamente civilizados, e podem portanto subsistir à base de formas de vida que seriam venenosíssimas para nós. Em segundo lugar, os selvagens que se alimentam de comida fraca são selvagens pobres e intelectualmente muito inferiores aos consumidores de carne de qualquer outra raça.

Essa explicação — que dividiu o mundo em comedores de carne intelectualmente superiores e seres inferiores comedores de plantas — foi responsável pela conquista de outras culturas pelos ingleses:

Os hindus e os chineses comedores de arroz, assim como os camponeses irlandeses que comem batata, são dominados pelos ingleses bem alimentados e desse modo permanecem. Das várias causas que contribuíram para a derrota de Napoleão em Waterloo, uma das principais foi que pela primeira vez ele foi posto cara a cara com a nação de comedores de carne, que ficou de pé até eles serem mortos.

A ideia de que o consumo de carne contribuía para a preeminência do mundo ocidental avançou pelo século xx. Um texto da agência de publicidade contratada por uma empresa de carnes na década de 1940 afirma: “Sabemos que através dos tempos as raças carnívoras têm sido e são líderes no progresso feito pela humanidade em sua luta pela ascensão”.²⁰ Eles se referiam à “luta pela ascensão” da raça branca. Um aspecto revelador dessa “luta pela ascensão” é a acusação de canibalismo que surgiu na época da colonização.

A palavra “canibalismo” entrou no nosso vocabulário depois da “descoberta” do “Novo Mundo”. Derivada da pronúncia errada, pelos espanhóis, do nome da população do Caribe, ela ligou ao ato esse povo de pele escura. Enquanto os europeus exploraram as Américas do Norte e do Sul e o continente africano, os indígenas dessas terras eram acusados de cani-

balismo — o supremo ato selvagem. Uma vez rotulados de canibais, sua derrota e escravização nas mãos dos cristãos brancos civilizados passava a ser justificável. W. Arens afirma que a acusação de canibalismo fazia parte da expansão europeia nos outros continentes.²¹

Arens não encontrou muitas verificações independentes que comprovassem as acusações de canibalismo contra os povos indígenas. Uma fonte bem conhecida de testemunho dúbio sobre o canibalismo foi então plagiada por outros, que afirmavam ser testemunhas oculares. O testemunho ocular não expõe o modo exato como eles foram capazes de escapar do destino do consumo que afirmavam ter testemunhado. Nem tampouco eles explicaram como a barreira da linguagem foi superada, possibilitando-lhes relatar literalmente as conversas tidas com “selvagens”. Além disso, seus relatos não apresentam coerência interna.

Acreditou-se que uma causa do canibalismo fosse a falta de proteína animal. Mas a maioria dos próprios europeus durante os séculos da expansão europeia não subsistia à base do consumo diário de proteína animal. A maioria das culturas do mundo satisfazia suas necessidades de proteína com legumes, verduras e grãos. Acusando de canibalismo os indígenas (e assim demonstrando seus modos completamente selvagens, pois eles supostamente faziam com os seres humanos o que os europeus só faziam com os animais), encontrava-se uma justificativa para a colonização.

O racismo se perpetua toda vez que se considera a carne a melhor fonte de proteína. A ênfase sobre as forças nutricionais da proteína animal distorce a história da dieta de um grande número de culturas em que pratos completos de proteína eram feitos à base de legumes e grãos. As informações sobre esses pratos são neutralizadas por um permanente empenho cultural e político no consumo de carne.

A carne impera

Durante a guerra, as políticas de racionamento reservam o direito da carne para a síntese do homem viril: o soldado. Com o racionamento da carne para os civis durante a Segunda Guerra Mundial, o consumo *per*

capita de carne no Exército e na Marinha era cerca de duas vezes e meia o do civil típico. Russell Baker observou que a Segunda Guerra Mundial deu início a uma “loucura da carne [...], quando cada suposto guerreiro norte-americano tinha de comer à força seu naco de carne bem gorda”.²² Ao contrário dos livros de receitas para os civis, que louvavam os carboidratos, os livros de culinária para os soldados continham uma variedade de pratos de carne. Um levantamento realizado em quatro acampamentos de treinamento militar relatou que os soldados consumiam diariamente 131 gramas de proteína, 201 gramas de gordura e 484 gramas de carboidratos.²³ Os custos ocultos da masculinidade guerreira serão encontrados na provisão de alimentos definidos como masculinos para os soldados.

As mulheres são as preparadoras do alimento; a carne precisa ser cozida para ficar apetitosa. Assim, na cultura patriarcal, do mesmo modo como nossa cultura aceita as “necessidades” dos seus soldados, as mulheres aceitam as exigências dietéticas do marido, especialmente no que diz respeito à carne. As pesquisadoras feministas dos hábitos das mulheres no início do século xx observaram:

Muito provavelmente, alguém que tivesse força, sabedoria e vitalidade, que não vivesse aquela vida naqueles cômodos minúsculos e aglomerados, naquela falta de luz e de ar, que não estivesse curvada pelo peso da preocupação mas fosse economicamente independente do homem que ganhava o dinheiro, poderia gastar seus poucos *shillings* com um olho melhor para o valor científico da comida. É bem provável, contudo, que o homem que ganhava o dinheiro recusaria a comida científica e exigiria o salmão e a carne de sempre.²⁴

Uma discussão acerca da nutrição durante a guerra continha este aparte: uma coisa, eles admitiam, era demonstrar que havia muitas alternativas viáveis para a carne, “mas outra coisa é convencer disso um homem que aprecia um bom bife”.²⁵ A prerrogativa masculina de comer carne é uma atividade externa observável que reflete implicitamente um fato recorrente: a carne é um símbolo do domínio masculino.

Tradicionalmente se tem acreditado que o trabalhador precisa de carne para ter força. Uma superstição atua nessa crença: ao comer o músculo de animais fortes nos tornaríamos fortes. De acordo com a mitologia da cul-

tura patriarcal, a carne promove a força; atingem-se os atributos da masculinidade comendo-se esses alimentos masculinos. Visões de esportistas carnívoros — jogadores de futebol, boxeadores — sustentam no nosso cérebro essa identificação. Embora esportistas vegetarianos — inclusive levantadores de peso e boxeadores — tenham demonstrado que a identificação é falaciosa, o mito permanece: os homens são fortes, os homens precisam ser fortes, logo, os homens precisam de carne. A evocação literal do poder masculino é encontrada no conceito de carne.

Irving Fisher encontrou já em 1906 a noção de “força” na definição do consumo de carne. Ele sugeriu que a força fosse medida pelo seu poder duradouro, e não pela associação com resultados rápidos, e comparou atletas carnívoros com atletas vegetarianos e vegetarianos sedentários. A resistência foi medida levando os participantes a realizar três exercícios: manter os braços erguidos horizontalmente pelo máximo de tempo possível, curvar bastante os joelhos e levantar sucessivamente as pernas estando deitado. Ele concluiu que os vegetarianos, atletas ou não, tinham maior resistência que os carnívoros. “O registro *máximo* de resistência dos carnívoros era pouco mais da metade da *média* dos vegetarianos”.²⁶

A carne impera: essa palavra aplicada à carne é um substantivo que denota poder masculino. “Vegetais”, um termo genérico que os carnívoros usam para todas as comidas que não são carne, tem sido tão associado às mulheres quanto a carne é associada aos homens, evocando num nível subconsciente os dias da Mulher Coletora. Desde que as mulheres se tornaram auxiliares num mundo dominado pelos homens e carnívoro, o mesmo aconteceu com a nossa comida. Os alimentos associados aos cidadãos de segunda classe são considerados proteína de segunda classe. Do mesmo modo como se pensa que uma mulher não pode se defender sozinha, assim também nós pensamos que os vegetais não podem constituir por si sós uma refeição, apesar do fato de a carne ser apenas vegetal indireto e de os vegetais fornecerem em média mais do dobro das vitaminas e sais minerais que a carne. A carne é sustentada como um item potente e insubstituível da alimentação. A mensagem é clara: o vegetal vassalo deve se contentar com o lugar que lhe foi designado e não tentar tirar a carne do seu trono de rei. Afinal de contas, como é possível entronizar comidas de mulheres quando as mulheres não podem ser reis?

A linguagem masculina do consumo de carne

Os homens que resolvem se abster de carne são julgados efeminados; se um homem deixa de comer carne, está anunciando que não é masculino. A nutricionista Jean Mayer revelou que “quanto mais os homens ficam sentados à escrivaninha durante o dia, tanto mais eles querem se tranquilizar com relação à sua virilidade comendo grandes nacos de carne sangrenta, que são o último símbolo do machismo”.²⁷ Marty Feldman, comediante já falecido, observou:

Tem a ver com a função do homem na sociedade. Os jogadores de futebol bebem cerveja porque é uma bebida masculina e comem bife porque é uma comida masculina. Aqui se enfatizam as “porções para homem”, os sanduíches “de herói”; toda a terminologia da comida à base de carne reflete a preferência masculina.²⁸

Homens que comem carne e batata são o nosso estereótipo de homem forte e vigoroso, rude e disposto, capaz. Mike Ditka, técnico de futebol americano e celebridade, é dono de um restaurante que anuncia “comida de He-Man”, como bife e costeleta de porco.

A masculinidade de um sujeito é afirmada pelo que ele come. Durante o boicote feito à carne em 1973, soube-se de homens que respeitavam a iniciativa ao jantarem fora com a mulher ou quando comiam em casa, mas nas ocasiões em que comiam sem a mulher pediam London Broil e outras carnes.²⁹ Quando, em 1955, a mãe de Carolyn Steedman “serviu uma salada de legumes ralados para a ceia de Natal”, seu marido se retirou da mesa.³⁰

Desigualdade de gênero/espécie

“Os homens [...] eram melhores caçadores do que as mulheres, mas somente porque as mulheres sabiam que podiam viver muito bem alimentando-se apenas com outras comidas que não a carne.”

Alice Walker, *O templo dos meus familiares*³¹

Que qualidade da carne a converte num símbolo e na celebração do domínio masculino? Em muitos aspectos, a desigualdade de gêneros incorpora a desigualdade da espécie proclamada pelo consumo de carne, porque para a maioria das culturas a obtenção da carne era tarefa dos homens. A carne era um bem econômico valioso; quem controlava esse bem adquiria poder. Se os homens eram caçadores, então o controle desse recurso econômico estava nas mãos deles. O *status* das mulheres é inversamente proporcional à importância da carne nas sociedades não tecnológicas.

A equação é simples: quanto mais importante for a carne na vida dos homens, maior será o domínio que eles exercerão. [...] Quando a carne se torna um elemento importante dentro de um sistema de organização mais rigorosa, de modo a haver regras para a sua distribuição, os homens começam a levantar a alavanca do poder. [...] A posição social das mulheres só é relativamente igual à dos homens quando a própria sociedade não é formalizada em torno de papéis para a distribuição da carne.³²

Peggy Sanday fez um levantamento das informações sobre mais de cem culturas não tecnológicas e constatou uma correlação entre economias agrícolas e poder das mulheres e economias de base animal e poder dos homens. “Nas sociedades dependentes dos animais, as mulheres raramente são retratadas como a fonte suprema de poder criador.” Além disso, “quando animais de grande porte são caçados, os pais ficam mais distantes, ou seja: não estão em proximidade frequente ou regular com os filhos pequenos”.³³

As características das economias dependentes sobretudo do processamento de animais para alimento incluem:

- segregação sexual nas atividades de trabalho, com as mulheres trabalhando mais do que os homens, porém numa ocupação menos valorizada;
- o cuidado com os filhos sendo provido pelas mulheres;
- culto de deuses masculinos;
- patrilinearidade.

Por outro lado, as economias de base agrícola têm maior probabilidade de ser igualitárias. Isso porque as mulheres são e têm sido as coletoras de alimentos vegetais, recursos inestimáveis para uma cultura de base agrícola. Nessas culturas tanto os homens quanto as mulheres eram dependentes das atividades femininas. Com isso elas adquiriam autonomia e um grau de autossuficiência. Mas, onde as mulheres coletam comidas vegetais e a dieta é vegetariana, elas não discriminam como consequência de distribuírem o alimento básico. Fornecendo uma grande proporção do alimento proteico de uma sociedade, as mulheres ganham um papel social e econômico essencial sem abusar dele.

Sanday resume um mito que liga o poder masculino ao controle da carne:

Os mundurucus acham que houve um tempo em que as mulheres governavam e os papéis sexuais eram invertidos, exceto pelo fato de que as mulheres não podiam caçar. Durante essa época as mulheres eram as agressoras sexuais e os homens eram sexualmente submissos e faziam o trabalho delas. Estas controlavam os “trompetes sagrados” (símbolos do poder) e as casas dos homens. Os trompetes continham os espíritos dos ancestrais, que exigiam oferendas rituais de carne. Uma vez que as mulheres não caçavam e não podiam fazer essas oferendas, os homens foram capazes de tomar delas os trompetes, estabelecendo assim o domínio masculino.³⁴

Poderíamos observar que o papel masculino de caçador e distribuidor da carne foi transposto para o papel masculino de comedor de carne, e concluir que isso explica o papel da carne como símbolo do domínio masculino. Mas o papel da carne como símbolo implica muito mais do que isso.

“Vegetal”: símbolo da passividade feminina?

As palavras em inglês “*men*” [homens] e “*meat*” [carne] sofreram uma redução lexicográfica. Sendo a princípio termos genéricos, hoje elas se associam intimamente aos seus referentes específicos. “*Meat*” já não significa todos os alimentos; a palavra “*man*” [homem] já não inclui “*women*”

[mulheres]. “*Meat*” representa “a essência ou parte principal de algo”, de acordo com o *American Heritage Dictionary*. Assim, temos the “*meat of the matter*” [a essência da coisa], “*a meaty question*” [uma questão substancial]. “*Vegetable*” [vegetal], por outro lado, representa as características menos desejáveis: que parece um vegetal, que leva uma existência passiva ou apática, monótona, inativa. Carne é “algo com que nos deliciamos”; e o vegetal se torna representativo de alguém que não se delicia com nada: “pessoa que leva uma vida monótona, passiva ou meramente física”.

Uma inversão completa ocorreu na definição da palavra “vegetal”. Embora seu sentido original fosse “ser animado, ativo”, hoje ela tem o sentido de apático, monótono, passivo. Vegetar é ter uma existência passiva; do mesmo modo como ser feminino é ter uma existência passiva. Uma vez que os legumes e as verduras são considerados comida de mulher, por extensão eles passam a ser considerados “femininos”, passivos.

A necessidade masculina de se afastar da comida feminina (como no mito em que o último boximane foge correndo na direção oposta das mulheres e da sua comida de legumes e verduras) institucionalizou-se em atitudes sexistas em relação a esses alimentos; e no uso da palavra “vegetal”, para expressar crítica e desprezo. Coloquialmente, o termo é sinônimo de uma pessoa com grave lesão cerebral ou em coma. Além disso, acredita-se que os vegetais tenham um efeito tranquilizante, embotador, entorpecedor, sobre as pessoas que os consomem, e assim é impossível adquirir força com eles. De acordo com essa incorreta encarnação da teoria de Brillat-Savarin de que você é o que você come, comer um legume ou verdura é se tornar um vegetal e, por extensão, ficar parecido com uma mulher.

Exemplos da campanha presidencial de 1988 nos Estados Unidos, na qual cada candidato foi depreciado por meio da identificação com a condição de ser um vegetal, ilustra o desprezo patriarcal pelos alimentos vegetais. Michael Dukakis foi chamado de “Candidato Prato de Verduras”.³⁵ A Northern Sun Merchandising ofereceu camisetas com a pergunta: “George Bush: verdura ou erva daninha?” Podia-se optar por uma camisa com uma garrafa de ketchup e uma imagem de Ronald Reagan com este slogan: “Teste sobre nutrição: qual deles é um vegetal?”³⁶ (A preocupação da campanha presidencial de 1984 com a frase “Cadê a carne?” é tratada no próximo capítulo.)

A palavra “vegetal” funciona como sinônimo de passividade feminina porque as mulheres supostamente são como as plantas. Hegel deixa isso claro: “A diferença entre os homens e as mulheres é como a que existe entre os animais e as plantas. Os homens correspondem aos animais, ao passo que as mulheres correspondem às plantas porque seu desenvolvimento é mais plácido”.³⁷ Desse ponto de vista, tanto as mulheres quanto as plantas são consideradas menos desenvolvidas e menos evoluídas do que os homens e os animais. Consequentemente, elas podem comer plantas, já que ambas são plácidas; mas os homens ativos precisam de carne animal.

A carne é um símbolo do patriarcado

Em seu ensaio “Deciphering a Meal” [Decifrando uma refeição] a respeitada antropóloga Mary Douglas mostra que a ordem em que servimos os alimentos e os alimentos que insistimos em apresentar numa refeição remetem a uma classificação que reflete e reforça a nossa cultura mais ampla. Uma refeição é um amálgama de pratos de comida, sendo cada um deles parte do todo e tendo cada um o seu valor atribuído. Além disso, cada prato é apresentado numa ordem precisa. Uma refeição não começa com a sobremesa nem termina com uma sopa. Tudo é visto como levando ao prato principal e depois afastando-se dele, e esse prato é a carne. O padrão é indício de estabilidade. Como explica Douglas:

O sistema ordenado que é uma refeição representa todos os sistemas ordenados ligados a ela. Daí a grande agitação que provoca a ameaça de enfraquecimento ou perturbação dessa categoria.³⁸

Retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura da cultura patriarcal mais ampla.

Marabel Morgan, que instrui as mulheres sobre como elas devem concordar com o desejo dos homens, relatou no seu *Total Woman Cookbook* [Livro de culinária da mulher total] que é preciso ter cuidado com a apresentação de comidas consideradas uma ameaça: “Descobri que Charlie

parecia sentir-se ameaçado com certas comidas. Desconfiava dos meus pratos assados, achando que eu havia introduzido algum gérmen de trigo ou legumes ‘bons para você’ que ele detestava”.³⁹

Em *Pássaros da América*, Mary McCarthy oferece uma ilustração ficcional do aspecto intimidador de uma mulher que se recusa a comer carne. A srta. Scott, vegetariana, é convidada para o jantar do dia de Ação de Graças na casa de um general da OTAN. Ela se recusa a comer o peru e o general se enfurece. Sendo incapaz de encarar essa rejeição, pois o domínio masculino precisa ser lembrado continuamente no prato de todos os demais, o general enche de peru o prato da moça e depois derrama uma concha de molho sobre a batata e também sobre a carne, “contaminando assim os legumes e a verdura de que ela havia se servido”. A descrição que McCarthy faz das ações do general com a comida reflete os costumes guerreiros associados aos combates militares. “Ele tinha agarrado a moheira como uma arma num combate corpo a corpo. Não é de admirar que o tenham promovido a general — pelo menos esse mistério foi solucionado.” O general continua se comportando de modo belicoso e depois do jantar propõe um brinde a um rapaz de 18 anos que havia se alistado para lutar no Vietnã. Durante a discussão que se segue, o general defende o bombardeio do Vietnã com a pergunta retórica: “O que é que um civil tem de tão sagrado?” Isso transtorna o recruta, levando a mulher do general a se desculpar pelo comportamento do marido: “Cá entre nós”, ela lhe confia, “meu marido se irritou, vendo essa moça se recusar a tocar na comida. Percebi isso imediatamente”.⁴⁰

A beligerância masculina nessa área não se limita aos militares da ficção. Os homens que batem em mulheres usam frequentemente a ausência de carne como pretexto para o seu comportamento. Deixar de servir carne não é a causa da violência contra as mulheres. Os homens que detêm o controle usam esse fato, como qualquer outra coisa, apenas como desculpa para a sua violência. Mas como os homens “de verdade” comem carne, os que batem na mulher têm um ícone cultural para mobilizar, enquanto desviam a atenção da sua necessidade de controlar. Como disse uma mulher que apanhou do marido: “A coisa começava com ele se zangando por causa de bobagens, de uma bobagenzinha como queijo em vez de carne num sanduíche”.⁴¹ Outra mulher afirmou: “Um mês atrás ele me

atirou água fervente, deixando uma cicatriz no meu braço direito. Tudo porque eu lhe dei uma torta de legumes no jantar, em vez de carne”.⁴²

Os homens que se tornaram vegetarianos contestam uma parte essencial do papel masculino. Optam por comida de mulher. Como eles ousam fazer isso? Recusar a carne significa que um homem é efeminado, um maricas, um boiola. Na verdade, em 1836 a reação ao regime vegetariano da época, conhecido como grahamismo, acusava que a “emasculação é o primeiro fruto do grahamismo”.⁴³

Os homens que optam por não comer carne repudiam um dos seus privilégios masculinos. O *New York Times* explorou essa ideia num editorial sobre a natureza masculina do consumo de carne. Em vez do modelo John Wayne para o homem carnívoro, o novo herói masculino é “vulnerável”, como Alan Alda, Mikhail Baryshnikov e Phil Donahue. Eles podem comer peixes mortos e frangos mortos, mas não carne vermelha. Alda e Donahue, entre outros, não só repudiaram o papel de macho, mas também a comida de macho. “Acredite: o fim do macho assinala o fim do homem carne e batata”, segundo o *Times*.⁴⁴ Não teremos saudade de nenhum deles.